

## NOS BASTIDORES DA CRIAÇÃO LITERÁRIA

Roberto de Oliveira Brandão  
Universidade de São Paulo

**RESUMO** - Este trabalho resenha alguns dos problemas enfrentados na última reedição do romance inacabado de Eça de Queirós, *A Capital!*, agora em forma de edição crítica (Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1992). Realizada por Luiz Fagundes Duarte, especialista na obra do escritor português, essa edição não só repõe a autenticidade de um texto que vinha sendo difundido com muitas imperfeições, mas deixa também transparecer como, no caso em foco, há estreitas relações entre os aspectos literários e os editoriais.

**ABSTRACT** - This paper presents an overview of the re-edition of the unfinished novel of Eça de Queirós, *A Capital!*, now in an critical edition form (Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1992). Organized by Luiz Fagundes Duarte, an specialist in the Portuguese writer, the present edition not only brings back the authenticity of a text that had been published with many imperfections, but also shows, in this case, that the editorial and literary problems are connected.

**RÉSUMÉ** - Ce travail présente un résumé de quelques problèmes posés par la réédition du roman inachevé d'Eça de Queirós, *A Capital!*, actuellement dans sa forme d'édition critique - Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1992). Organisé par Luiz Fagundes Duarte, un spécialiste de la fiction de cet écrivain portugais, il n'a pas seulement restitué l'authenticité d'un texte qui a été publié avec beaucoup d'imperfections, mais il a aussi montré comment les problèmes littéraires et éditoriaux y sont impliqués.

Podemos dizer que a atividade silenciosa e plurifacetada do autor literário se completa com o trabalho do editor do texto, principalmente se este se preocupa não apenas em dar a público um "objeto acabado", mas também em respeitar as etapas percorridas por aquele na composição de sua obra. Aliás, o desejável de toda edição (seja crítica ou não) seria aquela em que a obra refletisse fielmente o trabalho do autor, e que revelasse as vicissitudes da relação entre o seu projeto e os modos como ele foi dando forma à sua matéria prima. Entretanto, como realizar esse ideal, quando se constata que nem sempre os planos e os materiais de onde o autor extrai e seleciona as formas acabadas da obra são preservados?

A mesma pergunta poderia ser formulada de outro modo: como obter o "produto final" de um trabalho de criação, se apenas temos as "tentativas" e os "ensaios" realizados pelo autor, que não chegou a submeter as fases preliminares da obra à sua "última vontade", não concretizando, assim, uma síntese estética consciente e deliberadamente derradeira?

Na verdade, essas questões editoriais não estão colocadas aqui em termos de simples hipóteses, mas como problemas concretos enfrentados pelo primeiro volume da edição crítica das obras de Eça de Queirós, constando do romance *A Capital! (começos de uma carreira)*<sup>1</sup>, trabalho realizado pelo editor Luiz Fagundes Duarte dentro do projeto coordenado pelo Prof. Carlos Reis.

Escrito entre 1877 e 1884, como conjectura o editor, o romance *A Capital!* só foi publicado em

1925 pelo filho do romancista, José Maria d'Eça de Queirós<sup>2</sup> e, em edição brasileira de Helena Cidade Moura, em 1970<sup>3</sup>, fatos que não teriam nada de excepcional se os rascunhos deixados pelo escritor português estivessem em condições de se transformar em obra acabada, o que não parece o caso, pelas numerosas indicações contidas na presente edição crítica.

De fato, tudo leva a crer que Eça de Queirós não julgava que os textos de *A Capital!* estivessem suficientemente elaborados para merecerem publicação. Basta observar-se que o autor, depois de ter trabalhado vários anos na obra, conforme declara em carta de 1884, ainda a julgava "*uma massa informe de prosa, um grosso bloco de greda, de onde levaria muito tempo a extrair uma obra viva*"<sup>4</sup>.

De fato, o estudo dos autógrafos de *A Capital!* levado a cabo pelo atual editor deixa bem clara a condição de processo *in fieri* em que se imobilizou o romance. Os vários testemunhos, compostos por manuscritos e impressos autografados, contém nada menos que "*cerca de dez mil lugares*" de correções que revelam o intenso trabalho de reescrita realizado em "*diversos momentos*" por Eça de Queirós<sup>5</sup>. A essas dificuldades naturais para se extrair uma obra em condições de ser editada, acrescentam outras dificuldades conjunturais, desde os problemas relativos à má conservação material dos suportes e à "*caligrafia apressada do autor*" até a falta, por perda, de muitos dos fragmentos manuscritos deixados pelo escritor<sup>6</sup>. Daí entendermos a razão porque o atual editor diz que "*A Capital! de Eça de Queirós é um texto que nunca*

*chegou a ser — e que, como tal nunca deveria ter sido publicado*"<sup>7</sup>. E, se resolveu publicá-lo (em edição crítica e diplomática) foi porque, depois que os manuscritos passaram para a Biblioteca Nacional, em 1980, tornando-se, assim, acessível ao público, "[...] se tomou consciência das graves alterações feitas pelo primeiro editor, pelo que a necessidade de uma edição crítica passou a ser uma obrigação"<sup>8</sup>.

Apesar da inviabilidade de fato de se estabelecer, a partir dos autógrafos de *A Capital!*, um texto coerente tanto do ponto de vista estilístico quanto narrativo, o editor de 1925 resolveu publicá-lo assim mesmo, sem, contudo, indicar as alterações que estava introduzindo nos originais. Desse modo, modificou muito os testemunhos autógrafos, tirando e acrescentando coisas, premido pela necessidade de conferir lógica e sentido àquelas passagens que os não tinham na redação provisória do próprio autor. Como nos esclarece o atual editor:

"[...] José Maria d'Eça de Queirós teve de reunir os vários fragmentos, manuscritos e impressos com correções, deixados pelo pai em diferentes fases de aperfeiçoamento, e, imitando de uma maneira notável o estilo do pai, tirou coisas aqui, acrescentou outras acolá, modificou muito por todo o lado, apresentando depois o resultado ao público como se de um texto queirosiano, acabado e homogêneo, se tratasse".

(*Prefácio*, p. 20)

Por aí se pode ter uma idéia da natureza e do significado das modificações introduzidas nos autógrafos pelo filho do escritor.

A análise dessas intervenções levou o atual editor a trabalhar com certos conceitos operatórios, mostrando, assim, o caráter sistemático com que elas ocorreram. Tal análise sugere pensar na transferência desses conceitos, como ferramentas que são, para a compreensão de outras ocorrências editoriais que envolvam manuscritos nas mesmas condições, revelando uma faceta especial da relação entre os aspectos teórico-literários e a atividade editorial. Eis alguns desses conceitos: "*variantes adjetivas e substantivas*", de acordo com o grau de interferência operada nos originais pelo editor, mais superficiais, no primeiro caso, mais profundas, no segundo; "*níveis: da história/narrativo e estilístico/ideológico*", conforme as alterações digam respeito ao estrato mito-poético, como no caso da eliminação de um episódio, ou operem mudanças de palavras com implicações no sentido, como na substituição do nome próprio por seu equivalente descritivo, o que podemos ver na relação: "Clara/senhora de vestido xadrez"<sup>9</sup>; "*nivelamento de escrita*", isto é, operação pela qual o editor modifica, elevando ou baixando, o estilo do autor para adequar um fragmento em estado ainda precário de elaboração a outro, que já recebeu tratamento estético-literário; "*romance virtual*", ou seja, categoria de romance que apenas se pode deduzir pelas tentativas e ensaios realizados pelo autor, mas que na prática não chegou a se concretizar; "*macro-variante*", isto é, conceito pelo qual se

entende a ocorrência de um número tal de variantes a ponto de produzir "outra obra" face à supostamente contida nos originais, processo esse que decorre de uma "estratégia global" do editor<sup>10</sup>

O modo como esses e outros conceitos são utilizados do bem uma idéia das preocupações do editor Luiz Fagundes Duarte. Na verdade, elas transitam das ocorrências particulares, mostrando o complexo trabalho do editor crítico, mormente quando se trata de originais problemáticos como os de *A Capital!*, para reflexões mais abrangentes de âmbito metodológico, estilístico e literário, fora dos quais o tratamento das variantes corre o risco de seguir apenas o capricho e as veleidades do editor-pesquisador.

O longo trato do autor com o texto queirosiano — tendo ele realizado já outros estudos como *A Fábrica dos Textos e Eça de Queirós "A Capital", Edição Diplomática* —, é um dado a mais que vem reforçar o valor desta competente edição crítica. E esse trabalho propicia ao grande público no apenas a oportunidade de conhecer os percalços do processo criativo, mas também as responsabilidades do editor do texto literário e, o que talvez seja o mais importante, permite afinal conhecer, de forma confiável, essa obra do grande escritor realista português.

## Notas e Referências Bibliográficas

1. QUEIRÓS, Eça. *A Capital! (começos de uma carreira)*. EDIÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS DE EÇA DE QUEIRÓS. Ficção, Semi-póstumos e Póstumos. Edição de Luiz Fagundes Duarte. Imprensa Nacional - Casa da Moeda, [Lisboa], 1992. As próximas referências a essa edição serão indicadas apenas pelo título: *A Capital!*, seguido da seção e da página onde se encontram.

2. *A Capital*. Texto fixado por José Maria d'Eça de Queirós (filho), Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão, Ltda, 1925.

3. *A Capital*, in Eça de Queirós. *Obra Completa*. Organização geral, introdução, explicações marginais e apêndices de João Gaspar Simões, Fixação do texto de Helena Cidade Moura. Fixação ortográfica de Joaquim C. Marques, Volume I, Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar, 1970, pp. 843-1092.

4. *A Capital!*, Prefácio, p. 19.

5. *A Capital!*, *ibidem*, p. 15.

6. *A Capital!*, INTRODUÇÃO, p. 21 e segs.

7. *A Capital!*, INTRODUÇÃO, p. 19.

8. *A Capital!*, Prefácio, p. 15.

9. *A Capital!*, INTRODUÇÃO, p. 45.

10. *A Capital!*, INTRODUÇÃO, p. 64.